

Campo de Santa Anna em Braga

Nenhuma das nossas cidades, mesmo incluindo Lisboa, guardadas as devidas proporções, tem tantas e tão grandes praças como Braga. Podémos tambem dizer afoitamente, que depois da capital nenhuma outra as possue, como ella, tão regulares e tão bellas. E no que leva vantagem a cidade primaz a todas as terras do reino, sem excepção, é na magnifica situação dos seus numerosos monumentos, pois que se erguem quasi todos desafogadamente em alegres terreiros ou em praças espaçosissimas.

O *campo de Santa Anna* é, por sua grandeza, a praça principal de Braga. Não temos a medida da sua área, mas julgâmos que não seremos exaggerados, affirmando que em comprimento será o dobro da nossa praça de D. Pedro, não lhe sendo inferior em largura.

Lembra-nos que a primeira vez que alli estivemos, admirados da sua extensão, contámos as janellas do primeiro andar de todas as casas que formam o lado do norte do campo, e achámos que eram 145.

Tanto da parte do norte como da do sul, é o campo guarnecido de casas de um e dois andares, além do terreo e de varios templos e conventos. Essa linha de edificios apenas é cortada por algumas ruas que ahi vem desembocar.

O lado de oeste é occupado pelos restos do antigo castello, meio erguido de pé como nos seus tempos primitivos, meio prostrado pela mão dos homens e pelo correr dos seculos; aqui transformado em casas de habitação, e acolá abraçando com seus velhos muros dois templos de construcção moderna.

Pelo lado de léste faz continuação ao campo outra praça, que se vae estreitando para o nascente, chamada *campo de Nossa Senhora a Branca*, e tambem toda orlada de casas, com a egreja de Nossa Senhora a Branca quasi no topo.

Da parte do sul, no campo de Santa Anna, está o edificio do extincto convento dos congregados de S. Filippe Nery, começado em 1689, e que não chegou a ser acabado. A frontaria do convento é grandiosa, mas de architectura pesada. As suas janellas, grandes e sobrecarregadas de pedraria lavrada, assimilhavam-n'o mais a um palacio do que a uma casa religiosa. Acha-se n'elle estabelecido o lyceu. A egreja é dedicada a Nossa Senhora da Assumpção. Tem um rico frontispicio, que o interior não desdiz, porém o seu estilo de architectura é egualmente pesado.

Mais abaixo, d'esse mesmo lado, está o convento de freiras da Penha de França, da ordem da Conceição de Maria. O orago do templo é *Nossa Senhora da Conceição*. Foi fundado em 1727, e foi o segundo que esta ordem teve na cidade de Braga, e em Portugal. As religiosas vestem habito branco com escapulario azul celeste, e manto da mesma côr, tendo no escapulario a venera de Nossa Senhora.

No outro lado do campo, fronteiro a este, fundou o arcebispo primaz, D. Rodrigo de Moura Telles, no anno de 1722, o recolhimento de Santa Maria Magdalena, no logar em que existíra primitivamente uma capella consagrada a S. Bartholomeu, e que, sendo reedificada em 1625, mudára a invocação antiga na de S. Gonçalo.

A pouca distancia está a ermida de Santa Anna, da qual tomou nome o campo.

O castello de Braga teve por fundador a el-rei D. Diniz, nos fins do seculo XIII. Reconstruiu-o e accrescentou-o el-rei D. Fernando, pelos annos de 1375. Era formada esta fortaleza por largo cinto de muralhas ameiadas, flanqueadas de torres quadrangulares e bastiões redondos. No centro eleva-se a grande altura, como atalaia e ultimo ponto de defesa, a torre de menagem.

Este gigante, de tez ennegrecida pelo embate das tempestades no volver de quasi seis seculos, lá campêa ainda como quando o ameaçavam as hostes leonezas.

Da cerca dos muros restam um lanço de muralha para o sul com uma torre, e um dos dois bastiões e parte da muralha, que deitavam para o campo de Santa Anna. Este bastião, posto que esteja actualmente aproveitado em casa de habitação, apenas perdeu a sua coroa de ameias, abrindo-se-lhe na frente para a praça, e para a rua da Fonte da Carcova, duas ordens de janellas. O bastião que correspondia áquelle no outro angulo do castello, vêmol-o transformado ao presente em uma casa de tres andares, que todavia conserva a fórma circular do bastião, como se mostra na gravura que juntâmos.

De um a outro bastião corria um lanço de muro, guarnecido com um friso feito de balas (de pedra), parte do qual ainda hoje existe, e serve de parede do fundo da arcada que fica ao sul da egreja de Nossa Senhora da Lapa, cuja capella-mór vae quasi tocar com a torre de menagem, e cujo campanario occupa o logar de uma das torres da cerca do dito castello.

Detraz da egreja de Nossa Senhora da Lapa acha-se outro templo, construido na segunda metade do seculo passado no recinto d'aquella fortaleza, e com a frontaria sobre a rua da Fonte da Carcova. É a egreja da ordem terceira da Penitencia, de seculares. Tem uma cupula pequena, mas elegante. A sua torre dos sinos apparece em a nossa gravura atraz da torre de Nossa Senhora da Lapa.

Na maior parte do recinto do castello, para o norte sul e oeste, vemos agora edificios e pateos da cadeia publica, com entrada pela rua acima nomeada.

As duas arcadas, que acompanham a frente do templo de Nossa Senhora da Lapa, servem de mercado diario de pão cozido.

Na extremidade de léste do campo de Santa Anna levanta-se, sobre alguns degraus, uma bella columna de pedra, com o seu capitel corynthio, sustentando um globo com a cruz archiepiscopal, tudo de pedra.

Corresponde a este cruzeiro, na extremidade de oeste, o chafariz, de esbelta fórma, com duas bacias e um tanque, o qual se vê na gravura.

Corre por todo o lado do sul do campo, um pouco afastado das casas, um largo passeio lageado, que termina da parte de oeste em uma alta e mui delgada columna de pedra, que serve de base a uma cruz com imagens esculpidas em pedra, se nos não falha a memoria.

O centro do campo era outr'ora desegual e mal gradado. Haverá uns doze annos foi aplanado e alindado, plantando-se então em torno d'elle varias fieiras de arvores.

Presentemente fazem-se ahi mais importantes aformoseamentos. Consistem estes em um espaçoso jardim, cercado de gradaria de ferro com quatro portas. A graciosa fonte, de que fallámos acima, deve ir ornar o meio do jardim. Esta obra, que faz honra á cidade de Braga, como prova que é dos seus progressos em civilisação, está quasi a concluir-se.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Não ha homem tão rude que não saiba meditar.

P. ANTONIO VIEIRA.

CHRONICAS DO POVO

III

O PASTOR

TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO

III

(Vid. pag. 42)

As occupações de fr. Cyrillo faziam com que tivesse relações continuadas com os herbolarios e droguistas de Vassy; e as mais das vezes era Remy quem servia de mensageiro nos pedidos que havia a fazer, nas substancias que havia a comprar, e nos instrumentos que tinha de pedir. Tambem recebia recados dos cirurgiões que consultavam o frade em casos difficeis, o que raramente faziam os medicos, os quaes odiavam Cyrillo, a quem accusavam em alta voz de *arabismo*, isto é, de prevenções a favor da medicina arabe, e de quem se queixavam em voz baixa por lhes tirar quasi todos os doentes.

A reputação do frade fazia effectivamente com que acudissem ao convento muitos enfermos, os quaes se retiravam quasi sempre melhorados ou restabelecidos.

Um dia em que Remy recolhia de Vassy, encontrou á porta do convento um soldado, que logo reconheceu como archeiro pela jaqueta de coiro e pelo capacete sem morrião. Porém, fóra do costume dos seus camaradas, estava a cavallo e armado só com a espada pendente na parte posterior do sáio.

Quando se aproximou viu o rapaz que o recemchegado vinha ferido n'uma perna.

— Procuraes a fr. Cyrillo? — perguntou-lhe.

— Procuro um frade que cura toda a qualidade de ferida, respondeu-lhe o archeiro.

— É aqui, entrae.

O archeiro apeou-se e seguiu Remy coxeando.

Este ultimo conduziu-o ao laboratorio do reverendo, que foram encontrar debruçado sobre uma caldeira de cobre, onde estavam a ferver hervas séccas.

— Deus me mate, se isto não é cova de feitiços, exclamou o soldado parando á porta do laboratorio com uma especie de repugnancia, e passando os olhos pelos utensilios extravagantes que o guarneciam.

Fr. Cyrillo levantou a cabeça.

— Quem é este homem? — perguntou com admiração distrahida.

— Bem o vêdes, tornou-lhe o ferido, sou um archeiro franco.

— E que pretendeis?

O soldado mostrou-lhe a perna.

— Aqui está, replicou elle. Ha seis mezes que dei uma quéda; e de então para cá tem ido a ferida sempre a peiorar.

— Muito bem, disse o frade, que já estava attento, e que mandára sentar o recemchegado para lhe desatar a ligadura, que lhe envolvia a perna toda; pelo que vejo é ferida antiga.

— Antiga de mais, tornou-lhe o archeiro. E d'ahi fui consultar os vossos camaradas, com que o diabo carregue para o meio do inferno; mas foi malhar em ferro frio: o mal foi cada vez a peior.

— Aposto que foste parar ás mãos de barbeiro, replicou-lhe fr. Cyrillo em quanto ia desenrolando a ligadura, ou então a algum amolador. A ignorancia dos doentes chega a ser incrivel. Entram em qualquer loja onde vêem lancetas, e não cuidam de saber se é um prato de barba ou um estojo de cirurgia que lhe serve de taboleta.

— Em quanto a taboletas, só entendo as que tem ramo; mas que vos parece a perna?

— Muito bem, replicou o frade, que examinava com

attenção o ferimento descoberto. Inflammação, suppuração!... É uma verdadeira ulcera.

— E parece-vos que haja alguma coisa a fazer-lhe?

— Sempre ha que fazer, respondeu-lhe o frade, que estava remexendo as suas caixas de chumbo. Tenho alli um balsamo de minha composição, do qual me dareis noticia em pouco tempo. Lavae a ferida, Remy. Andastes mettido com ignorantes, meu filho, eram alguns mezinheiros ou boticarios. Prepara as tiras, Remy. Antes de um mez já aqui se ha de ver uma formosa cicatriz, lustrosa e vermelha. Aproximae a perna, e conservae-vos quieto.

Fr Cyrillo, que tinha estendido o seu balsamo n'um chumaço de fios, baixára-se para o applicar á ferida; o archeiro, porém, fez-lhe signal com a mão para que suspendesse.

— Um instante ainda, disse-lhe, prometteis-me uma cura prompta e boa?

— Prometto.

— Bem m'o tinham dito, proseguiu o soldado. Segundo é opinião geral, basta que toqueis n'uma enfermidade para a curardes logo; mas juraes-me que não fazeis uso para isso nem de sortilegios nem de magia?

O frade encolheu os hombros.

— Jurae-m'o, insistiu o ferido. Com quinhentos mil demonios, sou muito bom christão, mas antes queria a perna do que a alma.

Como resposta fez o padre o signal da cruz com o chumaço, e principiou o *credo* em voz alta. O archeiro esperou que acabasse; depois, soltando um suspiro de allivio, estendeu a perna, e deixou que lhe fizessem o curativo sem mais observações.

O soldado era evidentemente de uma natureza muito communicativa; e em quanto lhe estavam tratando da ferida deu-se a conhecer a fr. Cyrillo. Chamava-se Ricardo; mas, segundo o uso dos soldados d'aquelle tempo, tinha substituido ao seu nome uma phrase dos psalmos, e queria que lhe chamassem *Exaudi nos*. Chegára n'aquelle instante mesmo a Vassy, e tanta fôra a pressa que tivera de consultar a fr. Cyrillo, que corrêra ao convento em jejum. O frade comprehendeu as intenções com que esta historia lhe fôra contada, e mandou Remy á despensa buscar um quinhão de peregrino, e um pichel do vinho dos doentes.

Esta delicadeza captivou, de todo, o coração do archeiro, que se tornou mais communicativo ainda, e entrou a contar que ia para a Lorena com um mensageiro do rei, chamado Collett de Vienne, que levava despachos para o sr. de Baudricourt, governador da cidade de Vaucouleurs.

Remy perguntou-lhe se havia boas noticias.

— Boas para os inglezes, que o inferno confunda, replicou o archeiro. Continuam a cercar Orleans, e levantaram-lhe taes fortificações á roda, que está cortada toda a communicação com a praça, de sorte que a cidade toda vae morrendo á fome, em quanto lhe não chega a sua vez de ser morta á espada.

— E não se lhe póde levar soccorro nenhum? — perguntou o rapaz.

— Para haver outro dia como o de Harengs, replicou *Exaudi nos*. Não, não, a Trindade e a sua malicia toda está a favor do *Goddem*. Orleans é o derradeiro baluarte do reino; logo que esteja em poder dos inglezes, não nos restará outro recurso senão o de nos retirarmos para o Delfinado, segundo me dizem que o rei Carlos VII tenciona fazer.

— São tristes as noticias que levaes á Lorena, disse fr. Cyrillo, que entre as suas preoccupações scientificas conservava um sentimento de nacionalidade justo e sincero.

Exaudi nos encheu o copo, que vasou de um trago, fez estalar a lingua no ceo da boca, e sacudiu a cabeça com ares de indifferença.

— Ora adeus, replicou elle com signaes de expansão; no fim de contas, para os burguezes e para a populaça é que isso é mau. Nós cá, gente de guerra, sempre achâmos por aqui ou por alli o que nos faz conta; e conforme diz o nosso capitão, os carneiros que não tem cães nem pastores são mais faceis de tosquiar.

— É esse o modo de pensar do vosso capitão, disse o frade, que acabava o curativo. E como se chama esse excellente francez?

— Com a breca! Deve ser vosso conhecido, disse o archeiro, a quem o vinho tornava cada vez mais familiar, é, abaixo do bastardo de Vaurus, a peior creatura da França e da Inglaterra. Chamâmos-lhe cá nós uns com os outros *o pae dos sete peccados mortaes*, porque tem a todos reunidos; mas o seu verdadeiro nome é o de sr. de Flavi.

— Estaes ao seu serviço? — perguntou Remy admirado.

— Sou o seu escudeiro de confiança, replicou *Exaudi nos* com ares de impostura. Sei tão bem das suas coisas como das minhas.

— E rende muito esse officio?

— Assim, assim. O sr. de Flavi tem a escarcella fechada com dois cadeados, ambos elles muito difficeis de abrir, a pobreza e a avareza; mas d'aqui a pouco tempo já deitâmos fóra o primeiro.

— Então o vosso amo conta com alguma fortuna ganha na guerra?

— Muito melhor. A dama de Varennes, de quem é o parente mais proximo, não tarda que lhe não deixe toda a fortuna. E já o teria feito, se não fosse a declaração de um chamado vagabundo.

— Como?

— É uma historia muito comprida, disse-lhe *Exaudi nos* acabando o pichel de vinho. É preciso, primeiro que tudo, que saibais que a dama de Varennes tinha um filho só, que perdeu ainda em pequeno, e que ha pouco tempo ficou viuva. E por isso, desgostosa do mundo, quiz deixar a corte, onde exerce o logar de dama de honor, entregando os seus dominios ao sr. de Flavi. Estava mesmo já para se recolher a um convento, quando, ha de haver dois mezes, lhe disseram que seu filho ainda vivia.

— Seu filho!

— Sim, seu filho; tinha desapparecido, ha de haver dez annos, sem que ninguem soubesse o que lhe acontecêra. Desconfiava-se que os judeus o tinham roubado lá para os seus maleficios.

— E tinham-se enganado? — perguntou fr. Cyrillo cheio de interesse.

— Talvez, replicou o archeiro; porque um bohemio morto ha pouco no hospital de Tours, declarou que fôra elle quem o roubára no adro da egreja de Nossa Senhora.

O frade e Remy estremeceram.

— No adro da egreja de Nossa Senhora! — exclamaram ambos ao mesmo tempo.

— N'um domingo do Espirito Santo, disse em conclusão *Exaudi nos*.

O rapaz não pôde suster um grito.

— Admira-vos isto? — continuou o archeiro, que se enganára na causa da sua commoção, e entretanto é coisa commum; os roubadores de crianças são tão numerosos em Paris, como os porquinhos de Santo Antão.

— E depois de roubado, levou o filho da dama de Varennes para a Lorena, não é assim? — perguntou o padre Cyrillo.

— Exactamente, replicou *Exaudi nos*.

— E ahi foi entregue a um criador de cabras?

— Isso.

— O roubador era bohemio e chamava-se o rei Horsu?

— Onde diabo fostes saber isso tudo, meu reverendo? — perguntou o archeiro maravilhado.

— Ah! Já tenho mãe, exclamou Remy com um impulso de alegria que é impossivel traduzir.

Exaudi nos pareceu estupefacto.

— Como! exclamou elle; pois este rapaz será por ventura...

— A criança que procuram, interrompeu fr. Cyrillo, filho legitimo da dama de Varennes.

O soldado levantou-se soltando uma exclamação.

— Sim, continuou o frade com enthusiasmo, o thema tinha-o annunciado; *grande novidade na conjuncção da lua com os peixes;* e é agora mesmo! Tomo-vos por testimunha, sr. archeiro, da grandeza e da infallibilidade da sciencia astrologica.

Mas em vez de responder, *Exaudi nos* dirigiu ao frade e ao rapaz novas perguntas. O que elles lhe disseram confirmou o descobrimento que acabava de fazer, e não teve já duvida nenhuma de que o moço noviço era realmente o ultimo descendente dos Varennes. Esta certeza turvou-lhe repentinamente as feições.

— Com mil diabos! É o que se chama uma desgraça, murmurou.

— Uma desgraça! atalhou o frade, pois não vêdes n'isto uma obra do ceo?

Mas caíndo em si de repente:

— Muito bem, acrescentou com semblante serio; comprehendo. A reapparição d'este rapaz vae tirar ao sr. de Flavi todos os direitos á herança.

— Veremos, tornou *Exaudi nós* sacudidamente, havemos de pedir provas.

— E nós as apresentaremos, replicou Cyrillo com emphase; o signo da Virgem está pela nossa parte. Hei de ir com Remy procurar a dama de Varennes... É verdade que me não disseste onde a havia de encontrar.

— Procurae, replicou o archeiro retirando-se; mas, por Deus! olhae lá não encontreis o sr. de Flavi no caminho.

O padre quiz demorar o soldado; mas este encaminhou-se para a porta do convento, tornou a montar a cavallo, e desappareceu renovando a sua advertencia.

O frade não precisava da repetição para comprehender que difficuldades e que perigos tinha o seu protegido a vencer, mas este não pensava em similhante coisa; entregue todo á sua embriaguez, queria partir immediatamente. — Tenho mãe! — Este grito, que soltára no primeiro transporte de sobresalto e de arrebatamento, repetia-o sem cessar no seu coração. Já não era orphão, já não era pobre, já não era desconhecido e obscuro. Podia esperar satisfação para os instinctos de ternura e de actividade que sentia em si: ia tomar logar na familia dos homens entre os que tinham direito de querer, de trabalhar. Fr. Cyrillo tentou debalde arrefecer aquelle ardor, e adiar as investigações. Remy declarou que não podia esperar, e que sentia n'elle uma especie de potencia invisivel que o impellia.

— Mas lembra-te, desgraçado rapaz, que só sabes o nome de tua mãe! — dizia-lhe o frade.

— Correrei todo o mundo, repetindo-o, até que uma mulher me responda, replicou Remy na sua exaltação.

— E se te repellir?

— Offerecer-lhe-hei provas.

— Mas as fadigas do caminho, os perigos, as ciladas que te hão de armar?

— Esqueceis-vos, meu pae, de que tenho a meu favor o signo da Virgem e o planeta Marte?

Esta ultima razão convenceu o frade.

— Pois bem, parte, disse finalmente, mas não has de ir sósinho. Jeronymo confiou-te a mim; viveste ao meu lado um anno todo; não hei de atirar comtigo assim, sem conselheiro e sem apoio, ao meio dos motins; iremos ambos, e prometto não te deixar senão depois de teres encontrado a dama de Varennes.

A licença do prior foi alcançada sem difficuldade, porque n'estes tempos de revolução, a clausura dos religiosos estava longe de ser tão severa como nos seculos precedentes. Os interesses, as paixões, as necessidades arrancavam-n'os muitas vezes aos seus retiros para os envolver nas contendas profanas, e o habito monastico fluctuava em toda a parte, na corte, nos campos de batalha, no conselho dos principes. Ainda servia de defesa, mas já não servia de estorvo.

Os preparativos levaram pouco tempo, e fr. Cyrillo deixou o convento em companhia de Remy.

Dirigiram-se ambos para a Lorena, onde estava a corte, e onde esperavam obter mais facilmente os esclarecimentos de que precisavam.

IV

Era no anno de 1428, isto é, na epocha em que todos os desastres parece terem-se reunido para devastar a França. A guerra, as doenças, a fome, o frio, tinham successivamente dizimado a população e desgraçado o paiz. Os nossos viajantes tiveram que se desviar das cidades, que conservavam as portas fechadas, e de atravessar campos cobertos de neve, ou então encontravam a maior parte das aldeias desertas. As difficudades multiplicavam-se a cada passo, e estorvavam-lhes o caminhar. Precisavam evitar os bandos dos inglezes ou borgonhezes, que percorriam os campos para roubarem o que ainda havia que apanhar; os bandidos que se emboscavam nas encruzilhadas dos caminhos para despojaram os viajantes; e as alcatéas de lobos, que chegavam até ás trincheiras das cidades para atacarem as sentinellas.

Felizes d'elles quando encontravam á noitinha algumas ruinas onde podiam accender lume ou achar abrigo. Mas para isso tinham que se afastar das estradas, e profundar os despenhadeiros ou as florestas.

Por toda a parte conservavam os habitantes as portas fechadas, não se atrevendo nem a sair, nem a fallar, nem a accender lume, cujo fumo os podesse atraiçoar. Não havia rebanhos pelos campos, nem carros, nem cães sequer! Os salteadores tinham-n'os matado para que os não denunciassem com o ladrar.

Remy e o seu guia foram todavia continuando seu caminho com coragem, soffrendo, sem se queixarem, frio, fadigas e fome. Ás provações resistia o rapaz com a esperança, e o frade com as suas preoccupações. Tudo lhe servia de assumpto para ensino ou para estudo. Se lhes faltavam viveres, fallava largamente da propriedade malefica da maior parte dos alimentos, e da vantagem da dieta; se o frio apertava mais, mostrava-se contente por lhe poder experimentar os effeitos, ainda mal estudados; se a fadiga lhe quebrava os membros, explicava como era que isto acontecia, e dava ao rapaz uma lição de anatomia conforme ao livro de Chauliac.

Uma noite chegaram elles ao logar de la Roche, recentemente incendiado pelos soldados. Todos os habitantes se tinham refugiado no templo, que tinha sido o unico que ficára de pé, e que estava atulhado de moveis salvos do fogo. Algumas cabras tambem para alli estavam accommodadas, quando o padre e Remy lá foram procurar asylo.

As oito ou dez familias que para alli se tinham recolhido, estavam juntas á roda de algumas fogueiras accesas nas lages, e o fumo, que não tinha outra saída senão as janellas, formava uma atmosphera densa, através da qual difficilmente se percebiam as pessoas; mas como reconhecessem o habito do padre, fizeram logar ao pé do lume para os dois viajantes.

O frade admirou-se de não ver senão mulheres e crianças; disseram-lhe, porém, que os homens tinham saído com as charruas, pelas quaes puxavam á falta

de bois, para lavrarem de noite; pois eram taes as desordens d'aquelle desgraçado tempo, que se não atreviam a apparecer de dia nos campos que cultivavam.

Nada poderia dar idéa da miseria d'aquelles infelizes. As mulheres traziam em cima de si pelles por curtir, e alguns trapos a que a chuva e o sol tinham comido a côr; as crianças trajos informes de palha mal trançada. Offereceram comtudo aos viajantes que participassem da sua refeição mesquinha; era pouco leite de cabra e algumas raizes assadas na cinza. Disseram-lhes que lhes não podiam offerecer carne, porque os soldados, quando lhes queimaram as casas, tinham roubado porcos e bois. Mas fr. Cyrillo declarou que, segundo Galeno, a carne de boi produzia obstrucções, e a carne de porco gerava a melancolia; e começou uma dissertação mesclada de latim e de grego, para provar que, provindo todas as doen-



Egreja não acabada de Santa Engracia

ças da rarefacção ou superfluidade dos humores, a alimentação vegetal era a mais propria para conservar estes n'um justo equilibrio, e por conseguinte a unica que convinha ao homem.

Depois de ter condimentado assim com aphorismos a frugalidade da refeição, foi deitar-se em companhia de Remy, n'uma cama de folhas seccas encostadas ao pé da parede, quando um tropel de cavallos se fez ouvir ao pé da porta da egreja. As mulheres, espavoridas, levantaram-se cuidando que era algum novo bando de aventureiros: mas os que se tinham apeado eram apenas cinco cavalleiros, e o que vinha á sua frente entrou desejando a paz de Deus ás mulheres que tinham acudido á porta. Depois adiantou-se para o côro, ajoelhou devotamente, e entrou a rezar.

Remy, que se achára no seu caminho, não podéra conter um gesto de sopresa, que repetiu quando elle se levantou.

— Conheces este rapaz? — perguntou-lhe o frade, que lhe notára os movimentos.

— Deus me esclareça se eu não estou sob a influencia de um sonho; mas faz-me lembrar feição por feição a camponeza que me recolheu, vae para um anno, em Domremy.

— Quem falla em Domremy? — exclamou o estranho voltando-se rapidamente.

E tendo dado com a vista no educando de Cyrillo, acrescentou:

— Assim Deus me salve, como me parece o cabreiro que os de Marcey queriam matar.

— Então não me tinha eu enganado, exclamou Remy, sois Joanna Roméa!

— E aqui está o Pedro, o meu irmão, disse a camponeza mostrando um joven soldado que se aproximára. Seja Deus louvado por me ter trazido a meio do caminho uma cara conhecida, que me fez lembrar da minha pobre aldeia.

— Santo Deus! Desde quando é que as donzellas correm mundo vestidas de cavalleiros e com a espada á cinta, perguntou fr. Cyrillo attonito.

É devéras bem pouco trivial, meu reverendo, respondeu-lhe a camponeza com modestia; mas a necessidade do tempo é uma lei cruel.

— E onde ides? — replicou o frade.

— Ter com o rei de França a cumprir uma missão.

Fr. Cyrillo ia continuar nas suas perguntas, quando um dos cavalleiros que acompanhavam a donzella, e que tanto pela edade como pelo trajo parecia superior aos outros, aproximou-se.

— Mostrae mais prudencia, Joanna, disse vivamente, já basta terem-vos conhecido; se entrardes a contar a todos os vossos projectos, fazeis com que em pouco vos cortem o caminho.

— Não tenhaes cuidado, senhor João de Metz, replicou a donzella com serenidade, estes podem ser considerados como bons francezes.

— Pedi-lhes então, que se esqueçam de vos terem encontrado, e de qualquer coisa que lhes possaes ter dito, porque do segredo depende o bom resultado.

— O bom resultado não depende senão de Deus, replicou Joanna docemente; mas socegae, porque vos asseguro, que o reverendo e este rapaz hão de saber calar-se.

Remy e o frade protestaram discrição.

— Conto com ella, honrados amigos, replicou a camponeza, e sobre tudo espero que haveis de lembrar-vos de mim nas vossas rezas da tarde e da manhã; porque tudo provém de Deus e dos santos padroeiros.

A estas palavras persignou-se, e abaixando a cabeça aos dois viajantes, seguiu João de Metz até á porta da egreja.

Esteve ahi á espera da volta de muitos companheiros seus que tinham ido buscar viveres. Chegaram por fim, e ao clarão do lume, que accenderam depois de chegarem, reconheceu fr. Cyrillo a *Exaudi nos* entre elles.

Puxou vivamente a Remy para a parte mais escura da egreja, recommendando-lhe que se não deixasse ver pelo archeiro, o qual, depois da scena do convento, não podia deixar de adivinhar o motivo da sua viagem, e para ambos se esconderem melhor, deitaram-se em cima das folhas.

Quando acabaram a sua refeição deitaram-se tambem, Joanna e os seus companheiros, n'um monte de palha, ao pé da pia da agua benta. *Exaudi nos* e outro cavalleiro, que trajava como enviado do rei, ficaram, sómente elles, acordados.

Depois de terem recolhido os cavallos na egreja para os livrar dos lobos, cujos uivos quebravam o silencio da noite, avançaram para o côro, e sentaram-se proximo da ultima fogueira, que ainda chispava tenues labaredas. Acharam-se, por conseguinte, a pouca distancia do frade e do seu companheiro.

(Continúa)

EGREJA NÃO ACABADA DE SANTA ENGRACIA

No vol. I do *Archivo*, a pag. 281, e no V, a pag. 409, acharão os nossos leitores duas noticias historicas ácerca d'este grandioso edificio incompleto, e uma gravura que o representa exteriormente.

Mostrando-o agora interiormente, pouco nos demoraremos em descrevel-o, pois que a gravura que hoje publicâmos, dispensa-nos, sem duvida, d'esse trabalho. Mas do que não nos podêmos dispensar, fallando d'elle, é de erguer um brado em favor da sua conservação.

O templo de Santa Engracia é a obra mais sumptuosa que se emprehendeu em todo o reinado de D. Pedro II.

Não se immortalisou o architecto, traçando um monumento de primor artistico. Não foi d'elle toda a culpa, certamente, tambem, e talvez a principal, da epocha em que viveu, que foi em tudo, e para todos os portuguezes, uma epocha de luctas e incertezas. Essas quadras, em que as nações pagam com duros sacrificios o mais passageiro relampago da felicidade, não são aquellas em que se desenvolve o bom gosto, condição essencial para que as artes produzam obras de primor.

Conseguiu porém o architecto levantar um templo que, se fôra acabado, seria original pela sua estructura, e magnifico pela sua grandeza, e pela riqueza dos materiaes.

Exteriormente é todo de cantaria, posto que de architectura pesada, e ao mesmo tempo desengraçadamente singela. Porém no interior vemos a magnificencia dos marmores multicôres, que o vestem de alto a baixo, alliada até certo ponto com a elegancia das fórmas, e com a simplicidade nobre dos ornamentos.

Falta para remate do edificio a grande cúpula que o devia cobrir quasi todo. N'ella tinha posto o architecto todo o esforço do seu talento, e o maior empenho do seu amor da gloria.

Era soberba e bella a traça d'essa cúpula. Foi audacioso o pensamento que a gerou, e a sua execução seria audaciosissima. Pararam exactamente os trabalhos de construcção, quando devia começar a elevar-se aquelle magestoso zimborio. Nasceu de tudo isto entre o povo da cidade a tradição falsa, de que ficára o templo sem cobertura, por ser inexequivel a que o architecto ideára.

Além da cúpula apenas carece o templo para a sua conclusão, que lhe lagêem de marmores o pavimento, que lhe guarneçam as capellas com altares e retabulos, e que lhe decorem com estatuas os seus oito nichos.

Custa-nos agora a dizer, que esse monumento em que se gastaram centos de contos de réis, e que, apesar dos seus defeitos, honra a geração que o levantou, e o paiz que o possue, está sendo vergonhosamente devastado, não com o proposito de o destruirem, mas em razão do uso a que o applicaram.

Acha-se servindo de deposito de material de guerra, como armazem pertencente á Fundição. Faz pena ver os estragos que por alli vão feitos pela incuria e desleixo, e por causa de meia duzia de carretas velhas. Dizer-se-ha, e parece-o bem, que n'esta terra sómente se entende por capital o dinheiro, e quando muito os valores que se permutam livremente. Pois os monumentos publicos representam em toda a parte um capital verdadeiro e importante; mas em uma cidade, como esta nossa, tão visitada de estranhos, e que será em breve uma grande hospedaria da Europa, aquelles monumentos são um capital productivo.

A principal condição da existencia de Roma é a religião, que assentou ahi a cadeira do vigario de Jesus Christo. Porém a cidade eterna tambem vive dos seus monumentos.

Não queremos comparar Lisboa á capital do orbe catholico, quanto aos padrões de antiguidade, e aos primores da arte moderna. Mas apontâmos aquelle exemplo para que se considere no muito que deve lu-

crar esta nossa cidade, se tiver commodos, e curiosidades, como tem bellezas naturaes, para attrahir os estrangeiros, ou para demorar dentro de seus muros a affluencia sempre crescente dos viajantes que a demandam, na sua passagem para mais longinquas terras.

Se estas considerações tem o peso que lhe suppomos, requeremos aos poderes publicos que as attendam, livrando de mais injurias, e cuidando da conservação da egreja de Santa Engracia, das ruinas venerandas do templo monumental de Nossa Senhora do Carmo, dos restos preciosos do paço do grande infante D. Henrique, e da universidade de Lisboa; e de mais outros padrões que por ahi temos desprezados e affrontados, apesar de commemorarem algumas das glorias de Portugal, ou das suas grandezas passadas, ou algum nome illustre e benemerito da patria.

I. de Vilhena Barbosa.

PAÇOS DOS ESTÁOS, PAÇOS DA INQUISIÇÃO, PALACIO DA REGENCIA E DO THESOURO, THEATRO DE D. MARIA II

(Vid. pag. 46)

O theatro de D. Maria II saiu das mãos do architecto com alguns defeitos notaveis, uns que se emendaram passados annos, e outros que ainda subsistem. Todavia é um monumento bello e riquissimo. Qualquer das suas quatro fachadas poderia servir de frente nobre a um bom theatro, fosse qual fosse a cidade onde se elevasse. Na riqueza dos materiaes, e na profusão das decorações exteriores póde-se dizer, sem receio de exaggeração, que não tem muitos rivaes na Europa.

Quanto a situação difficilmente se encontrará melhor, pois que a cada uma das suas quatro frontarias corresponde uma praça ou largo. Deita a principal, que é a do sul, para a *praça de D. Pedro;* a do lado de oeste para o *largo de Camões;* a da parte de léste para o *largo de S. Domingos;* e a de norte para o antigo pateo da inquisição, agora largo chamado *pateo do Regedor*.

A fachada principal é adornada com um elegante peristylo, sustentado por seis grandes columnas de ordem jonica. O frontão que o coroa tem no vertice a estatua de Gil Vicente, o creador do theatro portuguez, e nos acroterios as estatuas de Melpomene e Thalia, musas da tragedia e da comedia. O tympano é occupado inteiramente por um formoso grupo de figuras em alto relevo, representando Apollo e as sete restantes musas.

Fez o desenho d'este grupo o sr. Fonseca, lente de pintura historica na academia das Bellas Artes. Coube a execução aos srs. Cesarino, Lata, Caggiani, e Aragão. A estatua de Gil Vicente foi modelada pelo sr. Assis, lente de esculptura da mesma academia, e executada pelo sr. Cesarino. As estatuas de Melpomene e Thalia foram desenhadas e modeladas por aquelles dois professores, e esculpidas pelos srs. Lata, Caggiani, Pedro de Alcantara, e Eça.

No friso, por baixo da empena, está um relogio, de mostrador transparente, que se illumina de noite.

Sobre as dezesete janellas do andar nobre d'esta fachada estão outros tantos quadros moldurados, contendo bustos de poetas e escriptores distinctos, em meio relevo. No attico da mesma fachada vêem-se quatro grandes quadros ou tabellas, tambem moldurados, nos quaes estão representadas em meio relevo as quatro partes do dia: nos dois da parte do oriente o *crepusculo da manhã* e o *meio dia;* nos dois da parte do occidente o *crepusculo da tarde* e a *noite*. Fez o desenho o sr. Fonseca; o modelo o sr. Assis; a execução no marmore os srs. Aragão, Cesarino, Rodrigues, Schiappa Pietra, Caggiani, e Lata, discipulos da academia.

Toda a esculptura do theatro de D. Maria II faz honra á academia das Bellas Artes. Está acabada com muita perfeição.

O peristylo, em que se abrem cinco portas, é por onde entram suas magestades para o seu camarote particular, e tambem communica para o corredor geral, que circunda a platéa.

As frentes do theatro para os largos de Camões e de S. Domingos são perfeitamente similhantes. Dizem com a principal, excepto nas esculpturas e no peristylo. Em logar das tabellas do attico tem mais quatro meios oculos envidraçados, e são decoradas com o escudo das armas reaes, e com lyras. Cada uma tem seu vestibulo, formado por cinco arcadas, que sustentam uma varanda, para a qual dão saida cinco portas de vidraças. O vestibulo do largo de Camões é a entrada geral do theatro; o do largo de S. Domingos a serventia do palco, e mais officinas. No primeiro d'estes é tambem a entrada de suas magestades para a tribuna real por uma escada particular.

A frente para o pateo do Regedor é egual á da praça de D. Pedro, menos no peristylo, e nas outras esculpturas. Os quadros sobre as janellas e os do attico são lisos e apenas moldurados. As cinco janellas do centro ficam, como as quatro das duas extremidades, entre pilastras de ordem jonica. N'esse corpo central está outra entrada, que dá communicação para os camarotes d'esse lado, e tambem para o palco.

Estas quatro fachadas são construidas inteiramente de marmore. O liso das paredes, do andar nobre para cima, é de marmore côr de rosa, polido como espelho. Tudo o mais é de cantaria mui alva, e bem lavrada, a que chamâmos *liós*, a qual pertence á classe dos marmores. Todas as janellas e portas são de vinhatico, bem como as escadas.

Do vestibulo do largo de Camões entra-se por tres portas para um salão de dezeseis metros de comprimento, e dez de largura, cujo tecto é sustentado por quatro columnas de marmore de ordem dorica. O lado do salão em frente das portas do vestibulo abre-se em cinco arcos, por onde se entra, subindo alguns degraus, para uma galeria, ou corredor, de quasi tres metros e e meio de largura, e pouco mais de dezesete de comprimento, que cerca a platéa. Aos cinco arcos correspondem n'esta galeria cinco portas, que dão ingresso para a platéa. D'esta mesma galeria sobem as escadas, que conduzem ao salão nobre e ás differentes ordens de camarotes.

O salão nobre fica exactamente por cima do salão de entrada, e pertence-lhe a varanda sobre o vestibulo. Tem a mesma largura e comprimento d'aquelle, porém a sua altura é muito maior. Cercam-n'o duas ordens de galerias, com grades de ferro, e sustentadas por columnas. O pavimento do salão, que é de madeiras de côres differentes, embutidas com variedade de feitios, corresponde á ordem nobre dos camarotes; e aquellas duas galerias são correspondentes á segunda e terceira ordens de camarotes. Por este modo se communicam com o salão as tres ordens referidas. Do tecto, que é decorado com bellos relevos em estuque, pendem tres ricos lustres. Tem-se dado n'este salão varios concertos.

A sala do espectaculo conta setenta camarotes em quatro ordens, uma tribuna real, e uma galeria.

As decorações da sala são de muito bom gosto, e de tanta riqueza, que deram origem ao epitheto vulgar de *theatro de oiro*. É illuminada a sala por um grande e magnifico lustre.

A tribuna real tem uns quatro metros e meio de frente, e tres metros de fundo, occupando em altura o espaço de duas ordens de camarotes. É de fórma simicircular. Vestem-lhe as paredes grandes espelhos de molduras doiradas. O centro do tecto, que é uma cúpula de oiro e azul, descança sobre seis grossas co-

lumnas, que apenas deixam espaço livre para passar uma pessoa entre ellas e os espelhos das paredes.

Ha junto da tribuna duas salas, um gabinete, uma copa, e um vestibulo. A principal d'estas salas tem uns dez metros de comprimento, e quasi quatro de largura. Acha-se adereçada ricamente.

Além do salão nobre ha em todas as ordens de camarotes salas para passeio, e gabinetes com toucadores para senhoras.

O camarote particular de suas magestades tambem tem contiguos uma sala, gabinetes e copa.

A platéa tem uns quatorze metros de comprimento, e obra de treze de largura. O palco conta os seus vinte e tres metros de fundo, e dezenove e meio de largura; e na boca tem uns doze metros de largura, e quasi onze de altura.

Em torno do palco estão os camarins das actrizes e actores, casas de arrecadação, etc. Além d'isto tem o theatro outras salas e gabinetes em diversas localidades, taes como a sala do commissario regio; a da direcção; a da reunião dos artistas (foyer); as dos dois botequins, um no andar nobre, outro no pavimento terreo; a casa da guarda-roupa e adereços, etc.

Tem este edificio dois poços abundantes de agua, um debaixo do palco para o lado da praça de D. Pedro, e o outro no subterraneo para a parte do pateo do Regedor. Para o caso de incendio construiram-se-lhe sobre o arco do proscenio dois reservatorios abobadados, um de cada lado, que levam de 80 a 100 pipas de agua.

Em 1858 fizeram-se importantes obras com que o theatro ganhou muito, tanto em elegancia, como nos preceitos de acustica, a que se não tinha attendido na sua edificação. Tirou-se-lhe a galeria que formava a quinta ordem, e que, não só dava demasiada altura á sala do espectaculo, em prejuizo das boas proporções, mas roubava som ás vozes, porque o tecto da sala ia acabar no fundo da mesma galeria. Trouxe-se o palco mais para diante, de sorte que a orchestra veiu occupar as primeiras ordens de cadeiras da platéa superior. Abriram-se tres ordens de camarotes no proscenio. A galeria inferior foi dividida em frisas. Encurtou-se o excessivo fundo dos camarotes, dando-se a cada um d'elles uma ante-sala pequena, mas mui conveniente para deposito de chapeos e capas. E, finalmente, fecharam-se os camarotes pelos lados, pois que até então eram abertos á maneira de galeria, tendo divisões de madeira apenas até meia altura.

Com estas reformas ficou-se ouvindo os actores, e o theatro é mais bonito, porque guarda melhores proporções entre todas as suas partes. Conservou-se ainda d'esta vez um grande defeito de construcção, relativamente ao nosso paiz. Em logar de telhado tinha o edificio uma cobertura geral de folhas de ferro galvanisado. Resultavam d'aqui dois males de não pouca monta. Consistia o primeiro em que os espectadores nada ouviam do que diziam os actores, quando succedia chover fortemente durante a representação, pois que as vozes ficavam inteiramente abafadas com o som estrondoso que fazia a chuva batendo contra o ferro, sobre o immenso vão de uma casa de quasi 28 metros de comprimento e pouco mais de 4 de altura. O segundo era a ruina das asnas e mais madeiramento, e de todo o tecto do theatro. No estio vinham os ardores do sol escaldar o ferro, que a seu turno escaldava e ia carbonisando as madeiras. No inverno infiltravam-se as aguas da chuva pelos buracos que os pregos, saltando fóra no verão pela acção do calor e contracção das madeiras, tinham deixado vasios.

Remediou-se ha pouco este mal, substituindo o ferro por telhas hollandezas, de côr cinzenta escura. Quando se fez esta obra encontraram-se com effeito as madeiras carbonisadas em grande parte. Foi uma experiencia cara, que nos deve servir de aviso para o futuro.

O theatro de D. Maria II deve-nós merecer, sem duvida attenção e sympathia, porque, além de ser uma obra de arte, e a mais sumptuosa construcção que se tem feito em Lisboa em todo este seculo, é o monumento que commemora ao mesmo tempo, como acima notámos, o reinado de uma soberana tão cheia de virtudes, e tão identificada com a liberdade de Portugal, e a restauração do theatro portuguez depois de um grande periodo de decadencia. Todavia, apesar d'isto, evitámos entrar em descripções minuciosas, e na apreciação de algumas opiniões differentes ácerca do merecimento artistico do edificio, porque nos levariam muito longe, e receámos caír em prolixidade.

Terminaremos, pois, dando aos nossos leitores menos conhecedores de Lisboa, uma ligeira explicação da gravura que publicámos a pag. 33.

A direita do theatro vê-se o predio do largo de Camões. A esquerda apparece o palacio dos srs. condes d'Almada [1], no largo de S. Domingos, e na parte mais alta, entre varias casas da cidade, o mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação, de religiosas commendadeiras de Avis, fundado pela infanta D. Maria, filha del-rei D. Manuel, e de D. Leonor, sua terceira mulher.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ARTILHERIA ANTIGA

Recebemos do sr. general conde de Mello, uma carta em que s. exc. nos dá noticia da proveniencia de uma das peças de artilheria, cujos desenhos publicámos no proximo passado numero.

Mandaremos averiguar se existe no arsenal o complemento a que s. exc. se refere.

No entretanto vamos transcrever os seguintes periodos da carta com que o sr. conde honrou o *Archivo*, e que respeitosamente lhe agradecemos.

«No n. 6 do *Archivo Pittoresco*, que hoje vi, encontrei, na ultima pagina, a gravura que representa duas peças de artilheria mui antigas, e na descripção d'ellas se diz, que se não sabe d'onde vieram. Quanto á que se vê em segundo logar nada posso dizer, mas da primeira alguma coisa sei.

Começarei porém por dizer, que lhe falta uma parte que deve existir no Arsenal, e que é o complemento da dita peça. Como se vê da estampa, o que se apresenta não é mais do que um tubo que servia para dirigir o projectil. Mas como era elle impellido e por que meio? Por uma pequena peça que se carregava, e se mettia n'aquella especie de berço em que se collocava depois de carregada, e a bala percorrendo o tubo ia perdendo força e direcção, em vez de ganhar uma e outra, como erradamente os antigos, ainda na infancia da arte, suppunham alcançar.

Agora como se descobriu, e d'onde veiu.

Em 1843, um zeloso governador de Marvão, cujo nome me não lembra agora, achando aquella praça reduzida a montes de entulho, etc., tentou leval-a a melhor estado, e projectando arborisar os sitios que o podessem ser, mandou romper a terra, e n'uma das surribas achou uma das taes pecinhas, e um bocado de outra similhante á da estampa. Este achado despertou-lhe o desejo de ver se descobria outra mais perfeita. Effectivamente achou outra peça, e é a que o *Archivo* descreve. Avisando-me do que achára, porque eu estava então em Portalegre, fui logo ver esta antiguidade de que tirei um desenho exacto; e quando vim a Lisboa em 1845, sendo ministro da guerra o duque da Terceira, referi-lhe o que deixo exposto, dei-lhe o desenho, e pedi-lhe que mandasse vir tudo para o Arsenal. O duque annuiu, e eis-aqui como ella se descobriu, e d'onde veiu.»

[1] Vid. o que escrevemos ácerca d'este palacio a pag. 289 do vol. IV.